



ITINERÁRIOS DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO, PRECURSORES E DESAFIOS

Itineraries of geographical thinking, precursors and challengers

Itinerarios del pensamiento geográfico, precursores y desafíos

 <https://doi.org/10.35701/rcgs.v24.879>

Tomé Francisco Chicombo¹

Aureliane Aparecida de Araújo²

Histórico do Artigo:

Recebido em 11 de outubro de 2022

Aceito em 09 de novembro de 2022

Publicado em 27 de dezembro de 2022

RESUMO

O presente trabalho busca apresentar alguns apontamentos acerca da evolução do pensamento geográfico. A geografia recente, apresenta áreas potentes, embora o tronco do conhecimento encontra-se fragilizado em função da fragmentação dos paradigmas. Ao recorrer à base epistemológica, revisitamos conhecimentos elencados desde os primeiros unificadores da Geografia. Para isso, realizamos uma pesquisa bibliográfica, visando fundamentar teoricamente o estudo, em sua articulação com o conhecimento geográfico que precede a idade contemporânea. Desta feita, percorremos itinerários fundamentados nas bases evolutivas do pensamento geográfico, ao contemplar também trajetórias envolvendo gregos descritores de narrativas epopeicas, a exemplo da Odisseia de Homero. Transitando entre mitos e realidades, o período envolveu marinheiros, navegantes aos quais identificamos etapas significativas e necessárias para os vindouros saberes sistematizados. Neste sentido, torna-se premente lançar um olhar filosófico sobre a ciência geográfica e, assim, possibilitar indagações sobre os desafios da abordagem integrada.

Palavras-chave: Geografia. Itinerário. Paradigmas. Precursores.

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Geografia - Tratamento da Informação Espacial da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Professor no Instituto Superior Politécnico de Gaza – Moçambique. Email: tchicombo@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-9039-7018>

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia - Tratamento da Informação Espacial da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Professora efetiva do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais (IFNMG), Campus Araçuaí. E-mail: aureliane.araujo@ifnmg.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0002-1868-7758>

ABSTRACT

This paper seeks to present a few notes about the evolution of geographical thinking. Recent geography presents potent areas, although the trunk of knowledge is fragile due to the fragmentation of paradigms. By making use of the epistemological basis, we revisited items of knowledge listed since the first unifiers of Geography. To this end, we conducted bibliographical research with the objective of theoretically grounding the study in its articulation with the geographical knowledge that precedes the contemporary age. In this way, we went through itineraries based on the evolutionary bases of geographical thinking by also addressing trajectories involving Greek descriptors of epic narratives, such as Homer's Odyssey. As it transitioned between myths and realities, the period involved sailors and navigators from whom we identified significant and necessary stages for the future systematized knowledge. In this sense, it is pressing to take a philosophical look at geographical science and, thus, make it possible to inquire into the challenges of the integrated approach.

Keywords: Geography. Itinerary. Paradigms. Precursors.

RESUMEN

El presente trabajo busca presentar algunos apuntes acerca de la evolución del pensamiento geográfico. La geografía reciente presenta áreas potentes, aunque el tronco del conocimiento se encuentra fragilizado debido a la fragmentación de los paradigmas. Al recurrir a la base epistemológica, revisitamos conocimientos enumerados desde los primeros unificadores de la Geografía. Para ello, realizamos una investigación bibliográfica, con el objetivo de fundamentar teóricamente el estudio en su articulación con el conocimiento geográfico que precede a la edad contemporánea. De esta manera, recorrimos itinerarios fundamentados en las bases evolutivas del pensamiento geográfico al contemplar también trayectorias que involucran griegos descriptores de narrativas épicas, a ejemplo de La Odisea de Homero. Transitando entre mitos y realidades, el período involucró a marineros, navegantes a partir de los cuales identificamos etapas significativas y necesarias para los futuros saberes sistematizados. En este sentido, se hace apremiante echar una mirada filosófica sobre la ciencia geográfica y, así, posibilitar indagaciones sobre los desafíos del enfoque integrado.

Palabras clave: Geografía. Itinerario. Paradigmas. Precursores.

INTRODUÇÃO

A geografia (Geo = Terra; Grafia = Representar, Descrever) nasceu com as viagens. Desde que o homem sentiu a necessidade de se deslocar para procurar abrigo, alimentação, etc., a atividade geográfica ganhou fôlego. Inicialmente o termo geografia ainda não era conhecido, daí não havia consciência do fazer geográfico. Entretanto, mais tarde a geografia passou a assumir um caráter científico ao descrever o espaço. O rótulo de geografia, segundo Rocha (1997), somente passou a ser utilizado na antiguidade clássica sendo fruto direto do pensamento grego. Para definirmos a Geografia podemos recorrer a Alfred Hettner definindo como “um ramo de estudos da diferenciação regional da superfície da Terra e das causas dessa diferenciação”. O propósito da Geografia, como foi colocado por Richard Hartshorne, é de “proporcionar a descrição e a interpretação, de maneira precisa, ordenada e racional, do caráter variável da superfície da Terra”.

A atividade geográfica foi baseada desde os seus primórdios na questão “Onde?”. É nesta questão que se assentou e se assenta tanto a atividade como o pensamento geográfico, sendo deste modo a pergunta que melhor define a geografia, se bem que as mesmas razões que originaram a atividade geográfica antigamente são as mesmas que se faz a geografia hoje. Entretanto, o pensamento

geográfico em termos epistemológicos surgiu mais tarde. A epistemologia segundo Ferreira (1987), é o “estudo crítico dos princípios, hipóteses e resultados das ciências já constituídas e visa determinar os fundamentos lógicos, o valor e o alcance delas”.

O presente estudo apresenta um resumo dos aspectos do pensamento geográfico ao longo dos tempos. Procurou-se contextualizar as principais etapas da história do pensamento geográfico, apresentar os precursores em cada uma das etapas, analisar o caráter multi-paradigmático da geografia contemporânea e refletir sobre as tendências epistemológicas atuais, caminhos e perspectivas.

GEOGRAFIA PRIMITIVA

Tratou-se de uma geografia bastante limitada e utilitarista, onde eram usados pontos e linhas para representar o espaço geográfico. As linhas eram usadas para representar trilhos (já que ainda não existiam estradas), e os pontos eram usados para representar refúgios, locais onde existe água, locais de caça, etc.

Esta necessidade que o homem tinha de saber se localizar, saber localizar fenômenos, coisas, lugares em um espaço vital imediato, da região, etc., demandou a atividade geográfica na época. Assim, o homem viu-se na necessidade de guardar informações sobre o espaço que o rodeia, surgindo daí os primeiros esboços sobre o espaço terrestre que mais tarde foram designados de mapas.

Nesta época a atividade geográfica era caracterizada por demarcações e representações de fenômenos geográficos, estudos relacionados com a cartografia, movimentos de rotação da terra, direção do vento e correntes marinhas. Estas atividades foram realizadas por vários povos daquela época onde merece destaque os povos das ilhas Marshall, Esquimós (no Ártico) astecas (no planalto mexicano), Babilônicos, povos Incas (na América do Sul), povos polinésios (ilhas da Polinésia). Estes povos trabalharam o conhecimento geográfico tendo em vista a questão da localização.

Foi neste período que surgiram os primeiros mapas. Por exemplo, os povos das ilhas Marshall confeccionaram mapas em palmas ou bambus entrelaçados representando direção de ondas. Segundo Cavalcanti e Viadana (2010), foi na Mesopotâmia onde foram confeccionados os mapas mais antigos que a humanidade conhece, uma região habitada por povos como sumérios que se estabeleceram entre os rios Tigre e Eufrates. Esses povos, segundo os autores, foram os primeiros a introduzir a forma de comunicação escrita, tendo produzido os lugares através de símbolos, o que mais tarde resultou em mapas.

O MUNDO PRÉ-GREGO

O mundo pré-grego foi caracterizado pela sua localização próximo as principais bacias hidrográficas, devido às condições ambientais que estas bacias ofereciam. Dentre estes mundos, há que destacar a civilização egípcia, judaica, mesopotâmica, indiana e chinesa. A geografia nesta época, era utilitarista tendo como foco a procura de meios de subsistência, guerras, o que colocava o homem na necessidade de conservar as informações sobre os caminhos percorridos.

Os primeiros mapas dessa época foram desenhados em “Papiro”, uma espécie de papel feito a partir de plantas cultivadas ao longo do rio Nilo. A maioria dos poderes dependia cada vez mais da geografia, caracterizada por física, simbólica religiosa e de guerra, com as seguintes características:

- Uma geografia dependente de condicionalismos naturais (rios, desertos, plantas, animais, catástrofes naturais e desastres ambientais);
- Conhecimentos geográficos que tinham como foco a migração, comércio, produção de alimentos, navegação, administração e controle dos territórios, guerras, etc.;
- Uma geografia de territórios e lugares dotados de valor simbólicos religiosos, clânicos, tribais e naturais ou paisagísticos.

GEOGRAFIA GRECO-ROMANA (800 A.C. A 300 D.C.)

A Grécia antiga passou por várias fases, podendo ser resumidas em três: a Grécia arcaica que compreendeu o período do século VIII à VI antes de cristo, Grécia clássica que se estendeu desde o século V a.C. à 323 a.C. e a Grécia Helenística no século IV até a conquista romana dos reinos helenistas que resultara na fragmentação dos impérios de Alexandre Magno. Tratou-se de períodos em que o mundo foi caracterizado por caos das origens, religião, filosofia e ciência. Apenas os gregos conseguiram chegar ao nível da filosofia e ciência na época, tendo a geografia nascido nestes domínios. Ademais, a localização da Grécia também propiciou os estudos geográficos. Características como a sua diversidade na topografia e contato com o mar permitiram avanços em estudos relacionados com o clima e geomorfologia.

O meio ambiente era caracterizado por calor intenso, frio intenso, seca e terrenos acidentados o que obrigou os gregos a pensarem na geografia para a sobrevivência, ou seja, a necessidade de alimentos, guerra e aventuras contribuiu para o avanço da geografia na Grécia. Segundo Jeager (1994), o conceito de natureza por eles elaborado, tinha como origem a sua constituição espiritual, e eles viam o mundo do ponto de vista de uma totalidade ordenada em conexão viva.

Navegadores por excelência, os gregos alargaram territórios como conquistadores, desbravadores de terras longínquas. A geografia física estava ganhando fôlego nas descrições realizadas por eles, considerados entre as nações da antiguidade, os primeiros a transformar o conhecimento da terra com ajuda de mapas baseados em princípios matemáticos em um sistema científico, segundo Kiepert (1881).

A base da geografia física, foi edificada na Grécia antiga por Homero, considerado não somente o maior educador, como o primeiro geógrafo, em virtude da base cartográfica e percepção do mundo do século VIII a.C., presente em suas obras. Dentre elas, na *Ilíada*, os relatos da guerra de Troia localizada na costa da Turquia, revelam a história de uma guerra com contexto geográfico. Na geografia da *Ilíada*, as viagens evocam a geografia geral a descrição da odisseia, um percurso majestoso no sentido leste-oeste. A abordagem descrita por Homero na *Odisseia* inaugura a geografia especial/regional do mediterrâneo. Na obra de Estrabão, Homero é apontado como iniciador da Geografia. Também por volta de 900 a.C., Homero elaborou importante mapa do mundo conhecido sob sua ótica.

Se por um lado, a geografia grega foi influenciada pela posição privilegiada, ou seja, uma região de contato entre oriente e ocidente, uma geografia matemática direcionada a descrição o mundo conhecido, por outro lado, os romanos limitavam-se na literatura e composições abreviadas. Eles tinham como suas fontes os gregos. Sua preocupação estava virada para fins administrativos, daí seus mapas tinham como objetivo, a dominação do espaço militarmente consoante os planos do rei, ou seja, necessidade de conhecimento dos diversos territórios que constituem o império romano.

A geografia greco-romana tinha duas abordagens a saber: geografia geral, num contexto do mundo na totalidade, e geografia especial, obtida com base na experiência, num espaço restrito (corografia e topologia). Para além destas duas abordagens, existia também a que podemos chamar geografia zonal, situada entre geografia geral e especial. Tratou-se de uma geografia baseada em relato de viagens. Os geógrafos da altura descreviam a paisagem que eles estavam vendo, como fenômenos naturais, fauna, flora, catástrofes naturais, etc. Uma geografia baseada na geografia geral, geografia especial e topografia. Neste período, a geografia era desenvolvida para o conhecimento do território, desenvolvimento agrícola, movimentações, necessidades climáticas e conflitos. Merecem ser destacados quatro nomes apresentados a seguir.

Heródoto de Halicarnasso (484 a.C. – 425 a.C.): contextualizou, em termos geográficos, a história dos povos, e suas crônicas estavam relacionadas com a geografia regional, tendo sido um dos primeiros a estudar regiões, que eram uma coisa homogênea que se destaca em torno do seu todo. A

sua geografia, que era uma geografia especial, tinha como objetivos, a descrição da terra habitada, e era motivada pela migração, comércio, guerra e as fugas de um lugar para o outro.

Eratóstenes de Cirene (276 a.C. – 194 a.C.): foi um importante geógrafo, matemático, astrônomo e filósofo que demonstrou a existência de curvatura na terra, e estudou também questões relativas à hidrografia, climatologia, as zonas climáticas e as cheias dos rios. A sua geografia era uma geografia geral. Trata-se do primeiro geógrafo pleno da época, tendo começado a discutir a geografia em termos epistemológicos, teórica e metodologicamente.

Estrabão ou Estrabo (63 a.C. ou 64 a.C. – 24 d.C.): abordou a geografia centrada na história, religião, costumes locais e as instituições de diferentes povos, tendo revelado as particularidades regionais, o que se chamou geografia corográfica. Foi a partir dele que se teve o conhecimento sobre Eratóstenes, devido às críticas que ele fazia as suas obras. Na sua obra, segundo Gomes (2014), Estrabão apresenta aspectos teóricos, especialmente traçados de mapas topográficos, descrições regionais do mundo conhecido, recorrendo a diferentes elementos econômicos, etnográficos, históricos e naturais para compor a imagem de cada região.

Cláudio Ptolomeu (90 – 168): realizou observações das estrelas e planetas. Foi o primeiro a tratar da técnica da representação de superfícies curvas em um mapa plano. Mediu o raio da terra. Produziu uma obra geográfica constituída por oito volumes, onde explicava os princípios de construção de globos e projeção de mapas, tanto como os princípios da cartografia.

Estrabão e Ptolomeu são apontados como aqueles que deram maior contribuição na sistematização dos conhecimentos geográficos na antiguidade clássica. Segundo Rocha (1997), se por um lado Estrabão consolidava-se com ele a geografia descritiva, que tão profundas influências tiveram sobre o desenvolvimento de nossa ciência, Ptolomeu era típico, suas obras estavam viradas a astronomia, a cosmografia e a cartografia, numa geografia cuja finalidade, segundo Gomes (2014), era a cartografia, considerada quase como uma bíblia durante a Renascença.

A geografia greco-romana foi realizada sob várias bases paradigmáticas e enfoques reinantes na época, desde o idealismo de Platão, geocentrismo de Ptolomeu, empirismo de Aristóteles e a numerologia de Pitágoras. O contexto foi caracterizado por ideias positivistas, deterministas, evolucionistas, casualísticas e físicas. Nesta época, o espaço era concebido como fragmentado tanto como generalizável, aonde a partir da geografia, foi possível a aplicação de leis, modelos, métodos, ferramentas e procedimentos.

GEOGRAFIAS MIEVEAIS (500 A 1400 D.C.)

Os tempos medievais, que se estenderam desde o século V d.C. ao século XIV d.C., foram caracterizados pela desintegração do império romano, guerras e pilhagens. Esse fato, contribuiu para a estagnação da atividade geográfica, tendo em conta que as pessoas evitavam realizar viagens. Reinava um medo de viajar devido ao risco de morte ou pilhagem, o que levava as pessoas ficarem confinadas nos castelos. Entretanto, ainda que o contexto não fosse favorável, alguma atividade geográfica foi continuada, principalmente no mundo ocidental caracterizado pela descrição de textos, principalmente os monges da idade média que eram exímios compiladores de informações.

O mundo conhecido nesta época, consistia nas descrições dos itinerários relacionados com o mundo espiritual, onde eram descritas as rotas de ida e volta à terra santa. Esse conhecimento, ou mesmo sua representação cartográfica, segundo Bauab (2007), recebia sempre a intervenção do saber religioso predominante, destituindo-o de uma atualização histórica, de uma veracidade empírica, não havendo espaço para o novo, ou pelo menos para uma transformação radical que fizesse transformar o conhecimento para além do intocável terreno do dogma religioso. Um pensamento que segundo Kimble (2013), distante de ser moldado segundo padrões ptolemaicos, e as opiniões de Heródoto, Eratóstenes, Hiparco e Estrabão, que não eram amplamente aceites como autoridade. Muitos geógrafos consideravam a geografia importante somente para localizar lugares bíblicos e a cartografia apenas para representá-los.

Neste período, a geografia, segundo Cuadra (2017), perdeu a precisão e credibilidade, tornando-se em um gênero literário onde as descrições de viagens se misturavam com fantasias e lendas, negligenciando o rigor e a extensão cartográfica alcançada pelos gregos. Assim, o paradigma teocêntrico deu lugar a uma abordagem literária ou artístico-religiosa, com mapas extravagantes e não científicos, ignorando os conceitos anteriores de esfericidade e outras tentativas, segundo Rana (2020).

Kimble (2013), aponta algumas causas para o declínio do conhecimento geográfico, dentre elas, a decadência comercial da Roma, principalmente com o extremo oriente, o que significou uma grande diminuição das suas fronteiras territoriais e conseqüentemente perda de conhecimentos, e pelas invasões germânicas que causaram a redução das trocas de produtos e ideias exteriores ao império. Ademais, o ensinamento eclesiástico organizado pela igreja católica tomou cada vez mais a base de sustentação do pensamento da época, negligenciando ou desencorajando a procura científica e filosófica.

Entretanto, ainda que a sociedade fosse caracterizada por práticas anteriormente descritas, alguns padres e seus monges se ocupavam em copiar e traduzir trabalhos clássicos, assim como escrituras. Estes monges, segundo Kimble (2013), treinados como copistas, eram incentivados a

estudarem cosmografia, para, de alguma forma, conseguirem compreender quando as escrituras falavam de países, cidades, montanhas e rios.

Apesar do clima que se vivia nos tempos medievais revelados anteriormente, os povos foram ganhando coragem em realizar viagens, devido à constante necessidade de conhecer novos mundos e expansão de territórios, onde se destacaram as conquistas chinesas e islâmicas no território europeu. Nestes tempos, a geografia era caracterizada pelos relatos de viagens, onde ficaram notabilizadas as geografias islã, chinesa e ocidental, que trataremos em seguida.

GEOGRAFIA DO MUNDO ISLÂMICO

A geografia Islã ou árabe-muçulmana, teve em Marrocos o seu principal centro, e fundamentou-se em uma sociedade fragmentada, nas condições naturais hostis, na fundação do islamismo pelo profeta Maomé no começo do século VII, na unificação das tribos e ainda na expansão do islamismo. Neste caso, a geografia supracitada teve como característica principal a descrição regional bastante rica em detalhes. Tratavam-se de viajantes considerados sábios, que se notabilizaram numa época onde o saber secular e a religião eram a base do desenvolvimento da sociedade. Havia uma busca incessante pelo conhecimento que o alcorão encorajava, e a geografia, segundo Rocha (1997), contribuía para o conhecimento dos trajetos que os fiéis deveriam realizar para chegarem a cidade de Meca nas peregrinações, sendo deste modo considerada um saber agradável a Deus.

À medida que a sociedade estava fragmentada e ainda envolta pelo analfabetismo, a religião muçulmana, através do profeta Maomé e seus ensinamentos com base no alcorão, contribuiu para unificação destes povos através da palavra. A difusão da palavra e conquista de novos adeptos (em alguns casos forçadamente), fez com que um mundo muçulmano se expandisse no deserto de Saara, no sudeste da Ásia e na península ibérica. Essa expansão contribuiu para o enriquecimento do conhecimento da geografia, tendo se registrado um considerável aumento dos relatos de viagens. A geografia desenvolveu-se no contexto onde:

“(...) os reis experimentaram, no fim do século VII uma efervescência de ideias agora unidas por uma religião e por uma língua comum o árabe. Essas cortes aglutinaram em seu bojo, tecnologias e conhecimentos de lugares distantes, como a China, no extremo oriente, Espanha e França, no ocidente, em um processo que influenciou todos os lugares, ajudando os exploradores futuros a desenvolver ferramentas para a conquista global. (...). Essa profusão de conhecimentos possibilitou um avanço muçulmano em todos os campos, destacando-se as navegações. (LIMA, 2019, p. 59-60)”.

Devido às viagens realizadas nesta época, foi possível realizar a observação e descrição das paisagens por onde os viajantes passavam, e daí a sua sistematização e difusão. Foi daí que se

gerou um amplo conhecimento que permitiu que a geografia se colocasse no lugar de uma das áreas do saber mais avançadas na época. Esta geografia contribuiu para o conhecimento da orientação no espaço do deserto, desenvolvimento de sociedades urbanas, criação de rotas comerciais e religiosas, cartografia, estudo dos climas das regiões, geomorfologia, organização política e social. Uma geografia que Amorim Filho (2018), considerou como a principal ponte entre os geógrafos da Grécia antiga e os da Europa moderna. Para Amorim Filho e Travassos (2016), tratou-se de uma geografia que considerava a adaptação dos povos ao terreno, dando importância aos recursos naturais para a sobrevivência em regiões desérticas, o ambiente construído e a conquista de territórios.

Dois eixos fundamentais eram recorrentes na geografia do mundo islâmico: um eixo da geografia especial ou regional, que consistia na descrição das paisagens, regiões, lugares e viagens; e o outro da geografia geral ou sistemática que tratava das mensurações, cartografia, tecnologias, explicações e mosaicos ligados a superfície da terra. Vários geógrafos estão relacionados a cada um dos dois eixos da geografia do mundo islâmico. Entretanto, três nomes se destacaram nomeadamente Ibn-Batuta, Al-Idrisi e Ibn Khaldun.

Abu Abd Allah Muhammas Ibn Battuta (1304 – 1368/1369 ou 1377): contribuiu para o conhecimento de partes que até então eram desconhecidas, coletando informações importantes sobre as populações que viviam nestas regiões, como instituições sociais, cultura, observações rurais e urbanas e complexidade econômica dos povos por onde ele passou.

Abu Abd Allah Muhammad Al-Idrisi (1100 – 1166): foi um geógrafo, cartógrafo e viajante muçulmano. Fez a correção de aspectos equivocados que constavam na obra de *Ptolomeu*, como o caso das ideias que se tinha sobre principais rios, oceanos. A sua obra “*Divertimento para Aquele que Deseja Viajar em Torno do Mundo*” contribui para o desenvolvimento da área de navegação.

Abu Zayd Abdul Rahman ibn Muhammad ibn Khaldun al-Haḍrami (1332 – 1406): trata-se de um historiador, autor de uma obra intitulada “*Mqaddiman*”, onde discutiu entre várias questões, o meio ambiente físico do homem e influência que exerce sobre o ele, cultura e organização social.

Desta forma, pode-se dizer que a valorização do conhecimento pelos árabes transformou o mundo ocidental. Cabe mencionar o papel da Casa da Sabedoria como espaço financiado pelos califas, para aqueles que faziam traduções e ainda falavam vários idiomas. A representação hipotética da casa da Sabedoria, remete ao embrião das universidades. Segundo Rocha (1997):

“Graças aos geógrafos árabes foi possível recuperar a obra geográfica de origem grega. Os califas árabes foram responsáveis pela fundação e manutenção de escolas superiores e observatórios em diversas cidades localizadas no império islâmico, locais que acolhiam as pessoas que se dedicavam aos estudos geográficos. Recuperada e difundida pelos árabes, a produção geográfica dos gregos e, principalmente, as obras de Ptolomeu e Estrabão acabaram se tornando fundamentais para os estudos geográficos que na Europa se desenvolveram mais acentuadamente a partir do século XIV” (ROCHA, 1997, p. 8).

A geografia muçulmana tinha como principais temáticas o mapeamento, a descrição das terras e regiões visitadas, geodesia, e exploração marítima. Com estas temáticas, os geógrafos muçulmanos, influenciados pelos gregos, deram um grande contributo na geografia no cálculo do tempo e longitudes, mapas climáticos, geomorfologia, oceanografia, biogeografia, geografia humana e geografia urbana. Assim, os geógrafos islâmicos, segundo Anbu-Svd (2010), com seus esforços, iluminaram os dias sombrios da idade média, abrindo caminho para o renascimento científico duramente e após o período do renascimento.

GEOGRAFIA DO MUNDO CHINÊS

A expansão comercial da China criou rotas entre o país e o mediterrâneo, e a partir daí abriu-se uma frente de contatos que facilitou trocas culturais e de pensamentos entre os chineses com o mundo greco-romano. A China viveu também o mesmo ambiente imperialista, como aquele que se verificava no ocidente, que estimulava o saber da geografia, o que fez com que fossem produzidos trabalhos geográficos considerados melhores dos que eram produzidos na Europa naqueles tempos.

Na China, a geografia foi caracterizada como descritiva, a partir das observações realizadas durante as expedições terrestres, marítimas e fluviais. Não se preocupou com a formulação de teorias. Estava, de uma forma geral, baseada no desenvolvimento de métodos para elaboração observações geográficas mais precisas de modo que possam ser usadas em levantamentos importantes na época e usá-las na construção de registros de dados sobre o clima, e ainda a realização do censo populacional, de modo a entender o mundo físico, cultural e as diferenças regionais essenciais ao funcionamento dos estados, dos impérios, da administração pública e dos negócios.

Existe uma possibilidade de que a geografia chinesa tenha sido alimentada pela geografia greco-romana, devido aos intensos negócios de seda entre a China e a região do mediterrâneo. Nestes encontros civilizacionais, para além das trocas de artigos no âmbito comercial, pode ter havido também troca de conhecimentos, principalmente da geografia, como, por exemplo, as técnicas de coordenadas geográficas, que seriam úteis para as viagens para ambos os lados.

Vários nomes chineses contribuíram para o desenvolvimento da geografia chinesa. A título de exemplo pode-se apresentar os seguintes:

ShenKuo (1031 – 1095): produziu um atlas chinês que incluiu 23 mapas da China e outras regiões em escala uniforme de 1:900.000. Foi o primeiro a elaborar um mapa em relevo.

XuXiake (1587 – 1641): apresentou com precisão diversas medições sistemáticas, entre elas, o registro e estudo de diversas cavernas chinesas. Descreveu paisagens cársticas e explorou cerca de 270 cavernas. Detalhou aspetos de hidrologia, geologia, e botânica de províncias chinesas.

A GEOGRAFIA DO MUNDO OCIDENTAL (CRISTÃ)

A geografia cristã foi caracterizada pela compilação de informações com base em fontes documentais e comentadas. Tendo em conta que o latim era a língua falada na Europa, houve também a necessidade de fazer a tradução de obras escritas pelos gregos e muçulmanos. Ela foi influenciada pelas cruzadas conduzidas pelos cristãos contra os infiéis, tendo também por implicação o descobrimento de novas paisagens, novos povos e culturas.

Em relação às viagens do mundo cristão, há que destacar o Marco Polo (1254 – 1324): nascido na República de Veneza, um viajante da época, mercador, embaixador e explorador que através das suas viagens produziu-se uma obra literária, “O Livro das Maravilhas”, que contava sobre as peripécias das suas aventuras pelo mundo, principalmente na China.

A TRANSIÇÃO DA IDADE MÉDIA À IDADE MODERNA E A GEOGRAFIA

Na idade média, o conhecimento físico da terra estava preso das interpretações bíblicas, e o aparecimento de argumentos científicos foi lento. Até então, as explicações dos livros-textos sobre a fisiografia e morfologia eram meras especulações. Os mapas refletiam as ideias comuns da época, compostos mais por símbolos esquemáticos e imaginários, ignorando os mapas de Ptolomeu.

Durante a Idade Média, milhares de homens e mulheres de todas as classes sociais, do rei ao operário, realizaram peregrinações a santuários. Segundo Web (2016), a peregrinação como uma penitência imposta pela autoridade eclesiástica (ou outra), ou como penitência autoimposta, assumida voluntariamente ou como um puro ato de devoção, coexistiram durante todo o período medieval. Estas atividades, abriram um horizonte para a geografia, na medida que para realizá-las era necessário um conhecimento da geografia, o que impulsionou a produção de mapas usados pelos peregrinos.

Neste sentido, os peregrinos e as cruzadas romperam com o modelo fechado vigente. A abertura do horizonte geográfico realizou-se com as primeiras cruzadas e a necessidade de conhecer a área invadida. Daí surgem os exploradores, comerciantes, a medida que a geografia começou a progredir com maior rapidez. Esse crescimento, foi consequência da grande procura de produtos cartográficos e outros conhecimentos geográficos que facilitariam a atividade dos comerciantes e exploradores.

A transição da idade média para a idade moderna, representou o período que antecipou o surgimento da geografia clássica. Tratou-se de um período da expansão europeia ao longo dos séculos XV, XVI e XVII, segundo Rocha (1997). De acordo com este autor, à medida que novas terras eram devassadas, os europeus acumularam novos conhecimentos através dos contatos com os povos que nelas habitavam, e que a geografia se tornou um dos saberes mais beneficiados por este processo.

Essa transição, foi caracterizada por mosteiros intelectuais, peregrinos, cruzadas, exploradores, comerciantes, navegadores e finalmente cartógrafos e geógrafos. Para descrever os mosteiros Diel (2017), considera:

“Os mosteiros nasceram pobres e simples, mas tornaram-se, no decorrer da história medieval, centros econômicos, pois reuniam ao redor de si muitas terras e riquezas. Tornaram-se também centros políticos, por afirmarem a autoridade dos abades em regiões muito extensas, mesmo fora dos mosteiros; eram centros culturais, porque reuniam em seus mosteiros milhares de livros e construíram as maiores bibliotecas do ocidente medieval. Nelas, trabalhavam copistas e tradutores que preservaram os clássicos. Nas bibliotecas era guardada a memória intelectual dos monges” (DIEL, 2017, p. 406).

As navegações surgiram nos finais da idade média, um momento marcado pela crise do feudalismo e formação do capitalismo. Surgiram várias necessidades, entre as quais, o oferecimento de mercadorias, ampliação da circulação comercial, divulgação de novas ideias e também no empenho de expansão da fé cristã através das cruzadas. As navegações foram também motivadas pela necessidade de divulgação de novas ideias e contribuição para grandes invenções como pólvora, bússola, papel e imprensa.

Na fase final da idade média, surgiram os cartógrafos e geógrafos, em momento de evolução renascentista do conhecimento, onde a Bíblia deixou de ser o guia para a ciência. A observação e experimentação assumiram importância. Nesta época, vale destacar o *Bernhardus Varenius*, nascido em 1622 na Alemanha e morreu em 1650 nos Países Baixos. Seus trabalhos consistiram na descrição do conhecimento sobre o mundo.

Varenius, influenciado por Galileu, Kepler e Copérnico, relacionou a matemática e ciências naturais na sua geografia, através de mensuração e experimentação, tendo nos seus estudos abordado a geografia em quatro componentes principais, a saber: i) reflexão sobre a geografia: epistemologia; ii) método: cartografia; iii) geografia geral propriamente dita: estudo dos fenômenos que acontecem em toda a terra; e iv) geografia especial: um embrião onde começa a geografia regional.

Varenius dividiu a geografia em três partes essenciais, notadamente: i) parte relativa: onde tratou do clima e paisagens; ii) partes absolutas: onde tratou das altitudes e divisão regional; e iii) comparação das partes: geografia regional. Considerou três categorias de regiões: i) terrestre; ii) celestial (atmosférica); e iii) humana ou do homem.

Pode-se então afirmar que, a partir do século XV, começaram a ser lançadas as sementes para uma pesquisa livre das concepções religiosas, principalmente por um movimento humanístico nascido na Itália, dando início a mapas desenhados com novos princípios.

Esta época, da transição do medieval para o moderno, representou a era dos descobrimentos, que, segundo Rana (2020), começa no final do século XV e se estende até ao século XVIII, período durante o qual as viagens realizadas agregaram conhecimentos à geografia. Os mapas

de Ptolomeu foram resgatados, reestruturados, preenchidos detalhes em falta e removidas as discrepâncias, tornando o mapa-múndi quase completo.

GEOGRAFIA MODERNA: GEOGRAFIAS CLÁSSICAS DA ALEMANHA E FRANÇA (SÉCULOS XVIII, XIX E PARTE DO SÉCULO XX)

O século XVIII foi caracterizado pela revolução científica. Passou a se reconhecer que a história dos homens, seu passado e seu futuro depende dos próprios homens, e assim sendo, o homem pode manter outra relação com a natureza, contrariando a ideia de que o homem depende dos desígnios divinos. Assim, algumas teorias foram consolidadas dentre elas; a racionalidade, a explicação científica concentrada na razão pura, a possibilidade da intervenção humana na ordem natural, a valorização da positividade do trabalho, a fé na ciência e a fé no progresso. Estas teorias estão ligadas aos movimentos que surgiram na Europa, como o iluminismo, que desempenhou um papel importante na forma de pensar dos homens. A geografia passou a ser interpretada pelas relações do homem e a natureza.

Foi nesta fase onde a disciplina de geografia foi institucionalizada. A abordagem geográfica baseada em relato de viagens e expedições científicas, passa para uma abordagem sistemática e científica, ou seja, mais explicativa. Três grandes mudanças paradigmáticas estiveram assentes na geografia moderna. A ascensão e domínio da escola alemã com uma abordagem sistemática, o determinismo ambiental e a emergência do possibilismo da tradição vidaliana na França e a visão humana e regional.

A geografia como ciência moderna, fundada por Alexander Von Humboldt e Karl Ritter, um naturalista, outro filósofo e historiador, respectivamente, influenciados pelas ideias de Varenius e Kant, traçaram novos métodos e rumos para a geografia. Humboldt e Ritter realizaram a primeira grande tentativa de aproximar a geografia regional e geral. “A primeira tarefa destes geógrafos foi de reatualizar os conhecimentos geográficos produzidos até então reajustando-os às exigências do discurso científico” (GOMES, 2014, p. 127). Por outro lado, Hartshorne (1949) considera que:

“O tempo de Humboldt e Ritter, é comumente falado como o "período clássico" da geografia. Sem dúvida a extraordinária realização de cada um desses homens, trabalhando ao mesmo tempo, mas de maneiras muito diferentes, e a influência do seu trabalho em toda a geografia subsequente justifica o nosso respeito a eles como os primeiros mestres da geografia moderna, nesse sentido, como os fundadores” (HARTSHORNE, 1949, p. 35).

Entretanto, ao aplicar esses títulos, é fácil ignorar a importância de trabalhadores anteriores àqueles que poderíamos dizer que lançaram as bases para os fundadores. Por isso, é necessário, sempre, perceber a longa trajetória da geografia antes destes dois fundadores.

Foi neste contexto que surgiram as escolas da geografia moderna. Estas escolas trataram a geografia em duas abordagens: A primeira denominada geografia geral, onde foi dividida em geografia física e geografia humana. A segunda foi denominada geografia regional.

Estas escolas, que evoluíram na chamada idade moderna, tinham dois paradigmas: Alemanha e França. Sendo que a Alemanha era o centro, em primeiro, e depois vem a França. Mais tarde surgiram as escolas da Grã-Bretanha e os Estados Unidos da América.

ESCOLA ALEMÃ

Segundo Mormul e Rocha (2013), os alemães foram importantes para a consolidação da Geografia enquanto ciência, e com base em suas contribuições a geografia pôde se estabelecer sobre fundamentos científicos autênticos, ou seja, deixou de ser uma simples descrição do planeta e transformou-se em uma ciência baseada na investigação das relações entre natureza e sociedade.

Os geógrafos alemães estavam divididos entre os blocos que estudavam o *Raum* (espaço), o *Wirtschaft* (economia) e *Gesellschaft* (sociedade). Entre os geógrafos podemos destacar três deles apresentados em seguida.

Immanuel Kant (1724 –1804): foi um filósofo prussiano. Amplamente considerado como um dos principais pensadores do período moderno da filosofia. Começa pela classificação dos juízos analíticos e sintéticos. Onde o analítico representa cada parte e o sintético representa a síntese. O juízo a priori (método indutivo) representa o espaço, o tempo que tem a ver com os conhecimentos empíricos. O juízo a posteriori é derivado da experiência.

As ideias de Kant “Espírito Geográfico”, orientaram Vidal de La Blache e muitos geógrafos franceses. Esta ideia, assentava-se na unidade terrestre, princípio de conexão, espírito sinótico e a posição. Segundo Sales (2013). “é importante ressaltar que o curso de geografia física dado por Kant influenciou, direta e indiretamente, diversos viajantes que “catalogaram” o novo mundo, entre eles o Humboldt”.

Alexandre Von Humbolt (1769 – 1859): nasceu na Prússia, é considerado com Karl Ritter o pai da geografia moderna. Enquanto Humboldt contribui para a geografia com base nas pesquisas e viagens, Ritter deu seu contributo com base no ensino da geografia.

Os seus estudos estavam centrados na geografia, climatologia, geologia e oceanografia. Descreveu diversos aspetos geográficos e espécies que eram até então desconhecidos nos seus tempos. Realizou estudos a escala regional, continental e mundial, o que o permitiu sistematizar vários conhecimentos geográficos. Em termos metodológicos, e na sua obra *cosmos*, Humboldt fez uma síntese do global no local ou local no global, a geografia especial e geografia geral.

As contribuições de Humboldt para a geografia foram várias, desde a biogeografia, estudos climáticos e ambientais. Realizou representações gráficas e cartográficas ao traçar as isolinhas. Representou perfis topográficos por conexões e apresentou elementos unificadores de determinadas áreas. Humboldt, segundo Vitte e Springer (2009), foi responsável, não apenas pela criação da geografia física, mas também, pela introdução da história da natureza nesta mesma geografia física.

Karl Ritter (1779 – 1859): foi um naturalista nascido na Prússia, que contribuiu para a atual geografia humana. Foi o primeiro professor de geografia regular e fixo em uma universidade e trabalhou a vida toda como professor. Suas viagens se restringiram ao continente europeu. Entretanto, ele escreveu sobre as suas viagens, em particular a descrição das paisagens para estabelecer as bases de um conhecimento geográfico científico, nos moldes das ciências naturais.

Ritter, que nasceu dez anos após o nascimento de Humboldt, também sofreu a influência deste nas questões geográficas, em que se comparavam diferentes áreas do globo. Segundo Alves e Neto (2009), Ritter parte “do início de sua trajetória científica, passando pelo idealismo e romantismo através da percepção do homem sobre a realidade, até os dados empíricos e de campo de Humboldt, para a compilação e sistematização metodológica geográfica”, o que contribuiu para que a sua obra fosse considerada complexa e plural, contemplando diversas fontes de informações que permitem entender as relações entre homem-natureza.

Ritter desenvolveu a geografia geral. Tinha como maior preocupação a relação estabelecida entre o homem e o ambiente, procurando entender os obstáculos que a natureza apresentava ao homem no processo da transformação da terra, considerando a superação destes obstáculos como a base da formação da cultura e do espírito de cada povo. Segundo Leitão (2017):

“Em Ritter, as partes que constituem a superfície da terra são compostas pelo homem e pela natureza, formando uma unidade (...). A superfície da Terra também é vista como uma grande unidade e a relação entre as partes também ocorrem dentro de um processo que podemos considerar dialético, já que se trata da superação de contradições dentro da grande unidade que é a superfície da Terra” (LEITÃO, 2017, p. 94).

Em termos metodológicos, Ritter propõe o método descritivo regional. Nesse método, utiliza comparação para fazer compreender as especificidades de cada país e as configurações de sua história. Assim sendo, a geografia deixa de ser apenas uma descrição da Terra, vista como a dinâmica das civilizações e a maneira através da qual os povos exploram o seu ambiente. Ele sempre estabeleceu as conexões entre fatos físicos e humanos. Segundo Alves e Neto (2009):

“Com relação às abordagens teórico-metodológicas de Karl Ritter, percebe-se um pluralismo de concepções na sua construção do pensamento geográfico. Todos estes estudos estiveram conectados com os trabalhos realizados por Alexander von Humboldt, que serviram como base para a sistematização e organização dos dados geográficos de Ritter” (ALVES e NEVES, 2009, p. 13-14).

A obra de Ritter, deixou um legado para a construção da geografia como ciência. Publicou várias obras destacando-se a geografia comparativa, lançada em 1865, considerando que “A geografia comparativa só atinge seu objetivo quando todo o conjunto de fatos são colocados à disposição da compreensão”.

ESCOLA FRANCESA

A escola francesa é a última manifestação antes de a geografia ser fragmentada como está hoje, em termos epistemológicos. Uma fragmentação em que escolher uma corrente de pensamento muitas vezes significa eliminar as restantes. Segundo Amorim Filho (1982, p. 9):

“As sementes lançadas por Ratzel e Hetner no “solo” representadas pelo contexto europeu da passagem do século encontrariam na França o ambiente propício para o desenvolvimento de um novo paradigma para a geografia” (AMORIM FILHO, 1982, p. 9).

Esta citação nos leva a entender que, ao contrário do que pode se pensar, a geografia francesa não surgiu para combater a geografia alemã, tanto é que existem aspectos em comum entre as escolas francesa e alemã.

A geografia francesa foi fundada por Paul Vidal de La Blache, e mais tarde teve vários continuadores. Ela surgiu em um contexto onde a geografia alemã se dedicava ao estabelecimento de uma geografia geral e comparada. Nesta época, os franceses voltavam-se para a elaboração de trabalhos de sínteses regionais que cobrissem o conjunto da terra. Uma escola que em vez de teorias, ela produziu princípios, onde vale destacar dois nomes:

Paul Vidal de La Blache (1845 – 1918): suas pesquisas tinham como destaque a geografia regional. Ele defendia que o homem poderia interferir na natureza, podendo modificá-la e vencer os obstáculos que a natureza impõe, tendo sido considerado o maior difusor da geografia humana. Segundo Queiroz e Souza (2016):

“Vidal de La Blache propõe um novo método à geografia logo, o possibilismo geográfico olha o ambiente natural como um fornecedor de perspectivas que podem ser modificadas, ou seja, moldadas pelo homem; este é o principal agente geográfico” (QUEIROZ E SOUZA, 2016, p. 5).

Élisée Reclus (1830 –1905): geógrafo e militante anarquista francês, que viveu em um contexto caracterizado pela revolução industrial, uma Europa dividida em reinos, falta de unidade geográfica, manifesto comunista, guerras de unificação de Itália e Alemanha.

Na geografia, Reclus analisou os diferentes grupos humanos no meio em que vivem, tendo publicado duas importantes obras, “*Nouvelle Géographie Universelle*” com 19 volumes, entre 1876 e

1894, e *"L'Homme et la Terre"*, de 6 volumes, cuja publicação foi organizada por Paul Reclus. Uma organização que iniciou em 1905 e só termina em 1908.

Cabe salientar, entretanto, que a escola determinista tinha em Frederich Ratzel seu principal precursor, nas últimas décadas do século XIX. O determinismo, segundo Ganimi (2003), influenciado pelas ideias darwinianas, considerava o homem um produto do meio vivido, buscando associar os fatos físicos aos humanos. Para o autor, apesar dos problemas entre a geografia física e humana, foi a partir da obra de Ratzel que foram realizados os primeiros estudos sobre a geografia humana. Por outro lado, as duas correntes se complementam, tanto que, segundo Cox (2006), a geografia humana e física compartilham um mundo social, sujeitas a tipos semelhantes de condicionamentos. De acordo com Ribeiro (2015), os geógrafos alemães jamais creram no possibilismo, permanecendo fortemente ligados as ideias de Ratzel. Todavia, a corrente possibilista atribuída a Paul Vidal de La Blache, na França, considera o homem que atua no meio, que ao que lhe concerne, oferece possibilidades com influência sobre essa atuação, cabendo a geografia estudar a relação homem/meio, explicitando as transformações geradas sobre o espaço.

Em suma, a geografia moderna foi desenvolvida numa fase inicialmente de grandes descobertas e viagens como a de Colombo, movimento iluminista, fim das monarquias absolutistas, forte impacto das ciências naturais, da doutrina determinista e mais tarde possibilista, ancorada em paradigmas e pensamentos caracterizados pelo historicismo, determinismo e possibilismo. Por um lado, a geografia geral, desenvolvia a partir das ideias de Varenius aos quais teve por precursores Humboldt, Ritter, Ratzel e Richthofen, fundamentados no paradigma antropocênico com viés nacionalista e colonialista, que gradualmente foi sendo atrelado ao paradigma positivista, e as doutrinas naturalistas, evolutivas e deterministas. Por outro lado, a geografia regional, avançou com Lucien Febvre, Emmanuel de Martonne, Jules Sion, Albert Demangean, Jean Brunhes, Alfred Hattner e Richard Hartshorne fundamentados em um paradigma historicista e na doutrina do possibilismo.

A geografia, até os finais do século XIX, foi influenciada pelo positivismo e o historicismo. Segundo Cuadra (2017), nesta época a geografia passava por uma crise, em que críticas ao determinismo eram cada vez mais acentuadas. O determinismo era culpado de enfatizar o papel do meio ambiente físico nos assuntos humanos, o que levou ao crescimento de movimentos de estudos humanos embasados nos paradigmas positivista e historicista. Nesta época, segundo Godoy (2010), vigorava a concepção do conhecimento apoiado na descrição dos lugares, com ênfase nas relações de casualidade entre o homem e o meio, colocando a geografia sob a égide de uma análise regional, ou seja, uma ciência empírica, descritiva e de síntese. Essa dominação pela visão regional ou de diferenciação de áreas, segundo Neto (2010), buscava construir uma síntese das características de uma região com

detalhamento descritivo da paisagem, mostrando quadros compartimentados como o clima, o relevo, hidrografia, a economia dominante, os hábitos culturais entre outros aspetos.

Entretanto, vários eventos ocorreram no mundo, principalmente a partir do século XIX até meados do século XX, que fizeram com que se rompesse com a geografia de carácter descritivo. Nestes eventos, pode-se citar a expansão do capitalismo, surgimento de países socialistas, duas grandes guerras, queda do muro de Berlim, rejeição de dogmas, aceitação de verdades provisórias, simbolismos e discursos. Esta situação contribuiu para o surgimento de diferentes abordagens de pensamento geográfico que atendiam a problemas específicos que se apresenta a seguir.

Geografia geral e sistemática enciclopédica: teve como principais disciplinas a geografia física e biogeografia, e teve como principais precursores Humboldt, Ratzel, Ritter e Richthofen.

Geografia Regional: iniciada por Varenus e teve como principais precursores La Blache, Alfred Hattner, e Bernard Hartshorne.

Geografia anarquista: teve como principais precursores Pedro Kopotkine, Eliseu Réclus, baseada em ideias anticoloniais e críticas dos grupos sociais.

Geografia ecológica humana: foi proposta em 1923, como uma tentativa de unir o homem e a natureza, desde que a ação antrópica se fazia sentir cada vez mais na natureza.

Geografia cultural: surgiu por Sauer, na década de 1920, com a morfologia da paisagem, postulando que as “paisagens culturais são criadas a partir de formas sobrepostas à paisagem natural, portanto, devem ser estudadas por caminhos indutivos e análise das particularidades fundamentais no trabalho de campo” (CUADRA, 2017, p. 4, tradução nossa).

GEOGRAFIA PÓS-MODERNA: FRAGMENTAÇÃO EPISTEMOLÓGICA (A PARTIR DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX)

A partir da segunda metade do século XX, após a Segunda Guerra Mundial, viveu-se uma realidade catastrófica no ocidente: países devastados, crises econômicas e sociais, quebra na produção de alimentos, desemprego e problemas de habitação. Nessa altura, a geografia tinha duas principais abordagens: a geografia geral e a geografia regional. Entretanto, estas abordagens mostraram-se incapazes de oferecer soluções para estudos das situações vividas nesse momento. Segundo Ganimi (2003), até então, os princípios positivistas pareciam simplistas como metodologia para atender os novos propósitos do momento vivido, e a mesmo tempo, houvera um relativo abandono da geografia do lado humano, pela dificuldade em transformar dados relativos a observações factuais em estatísticas naquele momento. Assim, a geografia teve que se transformar de modo a responder às exigências do momento.

Aliás, isso foi sempre que caracterizou a geografia após ser institucionalizada, o surgimento de novos paradigmas temporalmente tendo em conta a cada momento histórico.

Estas transformações, acompanhadas à expressão de novos conhecimentos e novas ferramentas como fotografia infravermelha e de satélite, Sistemas de Informação Geográfica (SIG) e aplicativos de computador, resultaram numa fragmentação ainda maior da geografia tendo surgindo várias correntes do pensamento geográfico. Gomes (2014, p. 249) caracterizou o contexto de fragmentação como:

“Um período do entre guerras em que as correntes se desenvolveram de forma bastante segmentada geograficamente (...) dificuldades de diálogo e de comunicação aparentemente causas da dispersão geográfica das “escolas e círculos” (...) com efeito, nesta época, uma verdadeira diáspora de pensadores esteve na base das trocas entre escolas, que tinham permanecido até então, voltadas para si mesmas” (GOMES, 2014, p. 249).

A maior fragmentação das correntes de pensamento geográfico se notara a partir da segunda metade do século XX, enquadradas em paradigmas positivista-neopositivista e sócio histórico.

Um dos motivos da descrença do positivismo, o que originou as diferenças epistemológicas, segundo Correa (2011), deveu-se dificuldade de se fazer estudos que permitam questionar o mundo real, considerando diferentes processos, agentes sociais, formas e significados em suas complexas espacialidades e com base em olhares distintos. Assim, a fragmentação resultou nas seguintes correntes:

Geografia quantitativa: surgiu como crítica a perspectiva regionalista, num contexto neopositivista, abordando todos os temas em que poderiam ser usadas expressões matemáticas. Trata-se de uma abordagem objetiva, neutra e usa técnicas e ferramentas que facilitam o processamento. Teve como principais precursores William Bunge, Petter Haggett, Richard Chorley e Fred Schaefer.

Geografia sistêmica: sustentada na teoria geral dos sistemas de Ludwing von Bertalanffy, impulsionada pelas ideias de Sotchava, se afirmou a partir de 1970 com cunho neopositivista com base uma abordagem holística e integradora, colocando o espaço geográfico como um sistema. Teve como principais precursores, Joel de Rosnay, Oscar Johanson, West Churchmann, Bertrand e Tricart. Aborda todos os temas que admitem a dinâmica de um sistema.

Geografia cultural: foi promovida por Carl Sauer, nas décadas 1960 e 1970, nos Estados Unidos da América, com ênfase na valorização dos componentes simbólicos do espaço geográfico. Esta corrente foi ressignificada na França por Paul Claval. Na Inglaterra, sob uma perspectiva neomarxista, foi desenvolvida uma geografia cultural apoiada no materialismo histórico por pensadores como Derrida, Foucault e Lyotard. Na Itália teve a contribuição e Renato Biasutti. Esta corrente postula em seus estudos, a necessidade de análise que contemple o papel da cultura no espaço e considere os fatores econômicos e políticos. Trabalhos realizados por esta corrente incluem temas como paisagem e

populações. Surgiu num contexto caracterizado por estudos históricos, regionais, paisagem, estudos etnográficos e antropológicos.

Geografia da percepção e do comportamento: fundada nos alicerces da escola psicológica conhecida como *behaviorismo* na década de 1960. Utilizando ferramentas quantitativas de coleta e processamento de dados. Esta corrente interessa-se pelas formas como o espaço é representado na percepção dos indivíduos. Teve como principais precursores Kenneth Boulding, Peter Gould e Kevin Lynch, abordando temas relacionados como o homem e problemas sociais, a violência, pobreza, desigualdades.

Geografia crítica ou radical: surgiu na década de 1960, defendendo uma geografia da sociedade e não a serviço das potências dominantes, buscando uma abordagem com foco nos problemas sociais como injustiças, desigualdades e assimetrias. Esta corrente geográfica baseia-se no método filosófico, o materialismo histórico e dialético. Teve como principais precursores Yves Lacoste e David Harvey, baseada numa participação da ciência geográfica em movimentos sociais (acesso à terra, moradia, educação, saúde, engajamento às lutas contra preconceitos de gênero, cultura, orientação, sexual e outros). No Brasil, teve como representante principal Milton Santos, que desenvolveu estudos sobre o papel social, econômico e político na interferência da configuração espacial e o que daí resulta.

Geografia humanista: surgiu na década 1970, em um contexto fenomenológico, existencialista, idealista, marxista, socialista e neomarxista, a partir da corrente crítica, e coloca o homem no centro das suas preocupações com temas como topofilia, topofobia e topolatria. Segundo Holzer (2008), esta geografia surgiu num ataque ao idealismo e ao empirismo, procurando métodos alternativos, na sua valorização do indivíduo e da espacialidade humana. Teve como precursores Yi-Fu Tuan, Marc Auge, David Ley, Marwyn Samuels, Richard Peet, Edward Relph e Anne Buttimer. Esta corrente, aborda temas sociais, urbanos, convivência, migração, discriminação. Defende a necessidade de valorizar a experiência do homem ou grupo em relação aos seus lugares. Segundo Ruming (2009), na sua abordagem, a pesquisa se posiciona como um processo de tradução, onde o pesquisador expressa uma visão de mundo por meio da mobilização de uma série de atores.

Geografia ambiental: surgiu nas décadas de 1980 e 1990, perante uma sociedade tecnológica e consumista e a conseqüente devastação ambiental. Ela remonta os tempos de Estrabão e Ptolomeu, tendo recebido contribuições de Humboldt, Ritter, Richthofen, e no século XX teve contribuição de La Blache, Brunhes e Sorre, num contexto neopositivista, evolucionista e da teoria geral de sistemas. Aborda todos os temas que envolvem relações entre grupos humanos e seu entorno.

Geografia política: as ideias da geografia política remontam Aristóteles (modelo de estado inicial), Estrabão (leis geográficas e império romano), idade média – Ibn Khaldum (tribo e cidade), no

período clássico - Kant (considerado pai da geografia política), até a geografia política de Ratzel na idade moderna da geografia. A partir do século XX ela passou por várias transformações descritas a seguir por Blacksell (2006, p. 4): i) de 1900 a 1930 consistiu numa geografia política com uma abordagem equivalente da geografia humana onde os estados eram considerados organismos competitivos, crescendo e morrendo, o poder e a terra eram observados na escala global; ii) de 1930 a 1960 a geografia política passou a ser descrita como a geografia dos estados-nação. Nessa fase, há que destacar a contribuição de Richard Hartshorne, que liderou um movimento que fez a renovação da geografia, num momento que, segundo Arcassa (2014), a geografia política encontrava-se prejudicada e obscurecida pelos desregramentos da *Geopolitik* alemã e teorias não vinculadas a geopolítica; iii) de 1960 a 1980 a geografia política passou a ser vista como parte menor da geografia humana e passou a se preocupar com temas como pessoas e governança, justiça social e direitos humanos; e iv) a partir de 1980 a geografia política ressurgiu com uma abordagem das teorias do sistema mundo e globalização.

Geografia automatizada: atrelada ao contexto atual tecnológico computacional digitalizado, neopositivismo, SIG e geotecnologia, baseada num conjunto de técnicas e ferramentas de computador e a *internet*. Entre os principais precursores destaca-se Jerome Dobson, Jaishree Beedasy, Duncan Whyatt e Joaquin Bosque Sendra. Esta corrente aborda praticamente todos os temas do espaço geográfico.

Segundo o exposto, podemos depreender a existência de uma fragmentação das correntes do pensamento geográfico. Gomes (2014), perante esta fragmentação, ressalta a aceitação da dualidade na geografia tradicional contrariamente o que ocorre na nova Geografia, onde cada corrente se apresenta como uma terceira alternativa capaz em tese de superar os termos dessa dicotomia. O que se espera é que haja uma unificação da geografia e que as diferentes abordagens possam ser vistas como subcapítulos de uma mesma geografia para o bem da geografia. Segundo Gomes (2014) os geógrafos da nova geografia:

“Engajados ao novo paradigma buscam uma identidade própria em relação à Geografia anterior. A refutação das tradições geográficas serviu, portanto, como um primeiro elemento de justificação e de imposição do “novo”. [...] O que há em comum entre os textos que difundem a Nova Geografia é o fato de que todos eles começam invariavelmente pela crítica do projeto dito clássico ou tradicional da geografia” (GOMES, 2014, p. 256-257).

A abordagem da geografia, do ponto de vista da integração das suas várias disciplinas em uma análise, é vista como o caminho a se seguir. Segundo Koutsopoulos (2011):

“Os geógrafos têm o conhecimento científico que lhes permite examinar a superfície da terra, analisar padrões e processos e, finalmente, apresentar os resultados dessas análises para aprimorar cientificamente planejamento sólido e eficiente. Mas esses processos não podem ser tratados a menos que aceitemos o fato que representam diferentes manifestações de “um todo”, a entidade dialética do espaço geográfico” (KOUTSOPOULOS, 2011, p. 2, tradução nossa).

Ainda, segundo este autor, o centro do debate científico da abordagem do espaço geográfico, deve ser o conceito de integração, pois constitui a fonte de nossos mitos e valores, não apenas como o espaço geográfico é visto, mas também no que diz respeito às metodologias de investigação espacial.

Sobre a dicotomia entre a geografia física e geografia humana, Silva (2007), considera que ela enfraquece a ciência geográfica, quando se restringe o campo de trabalho da Geografia ao renegar uma delas. Para o autor, há uma necessidade da formulação dualista da geografia englobando aspectos físicos e sociais através de síntese, fornecendo uma vantagem da geografia em relação a outras ciências.

Posto isto, de modo a não se perder o princípio de integração postulado pela geografia, existe uma necessidade destes dois grupos conversarem entre eles. Segundo Cunha (1991), a estreita colaboração entre a geografia física e humana, visa o atendimento dos problemas ambientais de uma forma global e integrada, passando não só pelas condições físico-naturais, mas também pelos fatores econômicos, sociais e culturais.

É evidente a existência de tendências de negação de uma abordagem em detrimento de outra. Segundo Fekadu (2014), perante estas duas abordagens, uma colocando o homem como escravo da natureza e outra colocando o homem como o mestre de seu ambiente, é importante frisar que, tanto um lado como do outro deve compreender o quanto a natureza pode influenciar o homem e o quanto as ações do homem podem transformar a natureza. Assim, nessa abordagem torna-se possível relacionar os geógrafos físicos e humanos em temas como:

“Estudos de perigos e desastres e de resiliência e vulnerabilidade, mudanças globais e suas causas, mitigação e adaptação, ciência do sistema terrestre, impactos humanos, o antropoceno, estudo da valoração da paisagem e a história ambiental e influência na história humana” (GOUDIE, 2017, p. 19).

É nesse sentido que nos é permitido refletir sobre a necessidade de uma unificação da geografia, resgatando os princípios na geografia clássica de modo a restaurar a identidade e a lógica da geografia, que segundo Wilczyski (2009), é o exemplo mais popular da geografia clássica, a unidade na diversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo apresenta um panorama sobre a evolução do pensamento geográfico, tendo como referências os fatos geográficos e respectivos atores desde os tempos antigos até a atualidade. Entretanto, é importante referir que, apesar das várias escolas de pensamento, julgamos que, as ideias de Kant, aplicadas atualmente, ajudam a desenvolver um pensamento geográfico. A partir de Kant, entendemos que a geografia é a integração de elementos diferentes para compor uma síntese.

Deste modo, um geógrafo tem que realizar uma boa síntese estudando cada parte e estabelecendo conexões. A ideia de Kant da síntese, partes, todo e as conexões é, em nossa análise, a base do pensamento geográfico.

O desafio proposto é avaliar a análise da geografia enquanto ciência da natureza, projetada na concepção do espaço. Os grandes nomes da Geografia, aqui abordados, estão atrelados ao pensamento integrado da sociedade e natureza. Reitera-se, nessa perspectiva, que desde a geografia primitiva, existe um ponto relevante por vezes representado na sociedade, que constitui a capacidade de o homem de viver em grupo. A mobilidade do homem e sua obsessão pelas terras estranhas, desenhou caminhos e delimitou fronteiras. As andanças de povos em busca do novo, os movimentos populacionais estão nos fundamentos dos conhecimentos geográficos. Outro ponto essencial está em reconhecer que não se pode negar um paradigma para assumir outro em substituição ao anterior. É também desafiador refutar a tirania paradigmática, neste caso, admitindo a coexistência de abordagens assentadas em pensamentos que contemplem a pluralidade geográfica. Deste modo, pode-se afirmar que pensar geograficamente é aplicar o princípio de unidades e conexão entre as unidades, que Kant levou ao altíssimo nível que é a base da geografia.

Abordar os itinerários evolutivos do pensamento geográfico implica em transitar pela geografia na totalidade. A sociedade deseja abordar o pensamento integrado para Geografia e, esta não deve ser pensada somente pela ótica social ou natural. Assim, lançamos um olhar pelo longo percurso seguido na evolução do pensamento geográfico, no intuito de compreender a pluralidade paradigmática. Neste aspecto, a crise do crescimento gerou conflitos de identidade da ciência em questão. O grande dilema da geografia é o risco da fragmentação, os vários caminhos da geografia não foram feitos para quebrar a sua unidade. O geógrafo é o especialista do conjunto, do complexo. A geografia clássica, a geografia teórico-quantitativa, a geografia radical com seu viés social, a geografia humanística com seu olhar subjetivo, deve apresentar o seguinte ponto comum: a busca urgente da nova unidade da geografia. A fragmentação é um risco à perda de identidade.

Posto isto, é preciso substanciar o olhar geográfico pela base epistemológica, para que o conhecimento geográfico seja preparado para ser visto e não apenas enxergado. Ver implica em revelar padrões não enxergados para aqueles que não possuem olhar geográfico. As reflexões epistemológicas são cruciais para o desenvolvimento do pensamento geográfico, no esforço de abstrair aspectos essenciais pertinentes à cada época. É necessário aprofundar, neste sentido, mais nitidamente, a percepção de outras correntes geográficas ao capturar/apreender a essência de cada paradigma. A conexão entre as distintas abordagens geográficas promove a pluralidade, visto que, do ponto de vista filosófico, implica na busca da unidade.

AGRADECIMENTOS

À CAPES, pela concessão da bolsa de estudos que permitiu frequentar o curso de pós-graduação. Ao professor da disciplina, que contribuiu na aquisição das bases teóricas para a elaboração do presente artigo.

REFERÊNCIAS

- ALVES, F. D. e NETO, D. P. O Legado Teórico-Metodológico de Karl Ritter. Contribuições Para a Sistematização da Geografia. **Geo UERJ**, v.3, n.20. p. 48-63. 2009. DOI: <https://doi.org/10.12957/geouerj.2009.1428>.
- ANBU-SVD, *Pushpa*. Relationship Between Geography and Islamic Thought. **Interações - Cultura e Comunidade / Uberlândia**, v. 5, n. 8, p. 45-62, 2010.
- AMORIM FILHO, O. B. A Evolução do Pensamento Geográfico e suas consequências sobre o Ensino da Geografia. **Revista Geografia e Ensino, Belo Horizonte**, n. 1, p. 5-18, 1982.
- AMORIM FILHO, O. B. As Geografias Universais e a Passagem do Milênio. **Revista Geografia e Ensino, Belo Horizonte**, v. 3, n. 9, p. 19-34, 1988.
- AMORIM FILHO, O. B. O Pensamento geográfico No Kitab de Hidrisi e na Rihla de Battuta: Uma Reflexão Epistemológica Comparativa. **Revista Geografia Literatura e Arte**, v.1, n.1, p.124-147. 2018. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2594-9632.geoliterart.2018.142144>.
- BAUAB, F. P. Idade Média e Conhecimento Geográfico. **Revista Faz Ciência**, v. 9, n. 9, p. 149-166, 2007. DOI: <https://doi.org/10.48075/rfc.v9i9.7499>.
- ARCASSA, K. A Geografia Política em Richard Hartshorne. **Anais do I Congresso Brasileiro de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território, 2014**. Rio de Janeiro, p. 267-280, 2014.
- BLACKSELL, M. **Political Geography**. London/New York: Routledge, 2006.
- CAPEL, H. Filosofía y Ciencia en La Geografía Contemporánea. Una Introducción a La Geografía. **Revista Geográfica da América central**. n. 15-16, p. 177-182, 1981.
- CORREA, R. L. Reflexões Sobre Paradigmas, Geografia e Contemporaneidade. **Revista da ANPEGE**, v. 7, n. 1, p. 59-65, 2011. DOI: <https://doi.org/10.5418/RA2011.0701.0006>.
- COX, K. R. Physical Geography and the Geographic Thought Course. **Journal of Geography in Higher Education**, v. 30, n. 3, p. 373-388, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1080/03098260600927120>.
- CUADRA, D. E. Los Enfoques de La Geografía en Su Evolución Como Ciencia. **Revista Geográfica Digital**. V. 11, n. 21, p. 1-22, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.30972/geo.11212186>.
- CUNHA, Lúcio. **Geografia Física, Geografia Humana e Estudos do Ambiente**. Cadernos de Geografia, Coimbra, 1991. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/40616/1/Geografia%20fisica%20Geografia%20humana.pdf>. Acesso em 15 Jun. 2022.
- DIEL, P. F. As escolas dos mosteiros medievais: dinâmica social, didática e pedagogia. **Educação Unisinos**, v. 21, n. 3, p. 405-414, 2017. DOI: <https://doi.org/10.4013/edu.2017.213.11411>.
- FEKADU, K. A. The Paradox in Environmental Determinism and Possibilism: A Literature Review. **Journal of Geography and Regional Planning**, v. 7, n. 7, p. 132-139, 2014, DOI: <https://doi.org/10.5897/JGRP2013.0406>.
- GANIMI, R. N. **A Sistematização da Geografia: Trilhas e Trilhos de um Caminho. 2003**. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/MPBB-83LGHK/1/x_disserta__o_rosinha.pdf. Acesso em 09 de jun. 2022.

GODOY, P. R. T. Redação: Algumas Considerações Para Uma Revisão Crítica da História do Pensamento Geográfico. In: GODOY, P. R. T. **História do Pensamento Geográfico e Epistemologia em Geografia**. São Paulo, 2010. Cap. 7, p. 145-156.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e Modernidade**. 11ª ed. Bertrand Brasil. 2104.

GOUDIE, A. S. The Integration of Human and Physical Geography Revisited. **The Canadian Geographer / Le Géographe canadien**, v. 61, n. 1, p. 19–27, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1111/cag.12315>.

HARTSHORNE, Richard. **The Nature of Geography**. The Association of American Geographers. 1949.

HOLZER, W. A Geografia Humanista: uma revisão. **Espaco e Cultura**, n. 24, p. 137-147, 2008. DOI: <https://doi.org/10.12957/espacoecultura.2008.6142>.

JEAGER, W. W. **Paidéia: a formação do homem grego**. [Tradução: PARREIRA, Artur M.]. 3ª ed. Matrins Fontes. São Paulo. 1995.

KIMBLE, G. H. T. **A geografia na Idade Média**. 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/editora/portal/pages/livros-digitais-gratuitos.php>. Acesso em: 13 de jun. 2022.

KIEPERT, H. **A Manual of Ancient Geography**. Macmillan and Company, Londres. 1881.

KOUTSOPOULOS K. C. Changing Paradigms of Geography. **European Journal of Geography**, n. 1, p. 54-75, 2011.

LEITÃO, J. O. **O Contexto Histórico-Filosófico da Obra “Geografia Comparada de Carl Ritter**. Campinas, SP. 2017.

LIMA, J. C. **Islã e África: Historicidade e Geopolítica**. Letramento. 2019.

NETO, D. P. Dos Modelos à Explicação: A Nova Geografia em Gavid Harvey. In: GODOY, P. R. T. (org). **História do Pensamento Geográfico e Epistemologia em Geografia**. São Paulo, 2010. Cap. 5, p. 91-110.

QUEIROZ, C. J. P. e SOUZA, M. A. **Geografia, Uma Breve História: da Antiguidade ao Brasil do Século XXI**. X Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade. Educon, Aracaju, n. 1, v. 10, p.1-12, set. 2016. Disponível em: http://anais.educonse.com.br/2016/geografia_uma_breve_historia_da_antiguidade_ao_brasil_do_seculo_x.pdf. Acesso em 20 Jan. 2022.

RANA, L. Paradigmatic Shifts in Geographical Thought. **Journal of Humanities and Social Science**, v. 25, n. 4, p. 41-57, 2020. DOI: <https://doi.org/10.9790/0837-2505044157>.

RIBEIRO, G. A arte de conjugar tempo e espaço: Fernand Braudel, a geo-história e a longa duração. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro**, v. 22, n.2, p. 605-639, 2015.

ROCHA, G. O. R. Geografia Clássica – Uma Contribuição Para História da Ciência Geográfica. **Revista de Educação, Cultura e Meio Ambiente**, v. 1, n. 10, p. 1-11, 1997.

ROCHA, M. M. e MORMUL, N. M. Breves Considerações Acerca do Pensamento Geográfico: Elementos Para Análise. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 17, n. 3, p. 64-78, 2013. DOI: <https://doi.org/10.5902/223649947916>.

RUMING, K. Following the Actors: Mobilising an Actor-network Theory Methodology in Geography. **Australian Geographer**, v. 40, n. 4, pp. 451, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1080/00049180903312653>.

SALES, A. L. P. Conceitos de Geografia de Kant: E Sua Relação com o Pensamento Recente. **Geografia em debate**, v.7, n.1. p. 186-188, 2013.

Silva, S. H. P. Geografia Física e Geografia Humana: Uma Dicotomia a Ser Superada? **Outros Tempos**, v.4, n. 4, p. 40-49, 2007. DOI: <https://doi.org/10.18817/ot.v4i4.411>.

TRAVASSOS, E. P. e AMORIM FILHO, O. B. Ibn Batuta, Geografia de Viagens. Carste e Subterrâneos Sagrados. **Mercator, Fortaleza**, v. 15, n.2, p. 55-75, 2016. DOI: <https://doi.org/10.4215/RM2016.1502.0004>.

VITTE, A. C. e SPRINGER, K. S. A Ciência de Humboldt na Gênese da Geografia Física Moderna. **Revista Geografares**, n. 7, p. 123-130, 2009. DOI: <https://doi.org/10.7147/GEO7.155>.

WEB, Diana. **Pilgrims and Pilgrimage in The Medieval West**. Bloomsbury Publishing. 2016.

WILCZYŃSKI, W. On The Necessity of the History of Geographical Thought. **Bulletim of Geography, Socio-economic Series**, n. 11, 2009. DOI: <http://dx.doi.org/10.2478/v10089-008-0017-3>.